

1
ESCUDO

reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

31 de Janeiro de 1931

Numero 26



ILBERINO
D O S
SANTOS

LER NESTE NUMERO: A próxima guerra...—Um falsificador de sêlos raros, etc., etc..

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1883)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma lei. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escaudela o seu passado.

SÉDE
Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

CAZARCA BANCAIRES S. A. Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFÍCIO PROPRIO)

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

LISBOA - Rua Augusta, 235

TELEFONES: 21351 e 21352

Delegação no PORTO

Praça Almeida Garrett, 35

Agencia em COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 100, 1.º

Nova instalação, feita pela casa «FICHET», de Paris, de cofres de alu-guer, nas magnificas casas fortes na - sede da Companhia, em Lisboa -

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS

Antes de comprar uma maqui-na de escrever portátil ou pa-ra escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

JULIO GORGAL

RÉCLAMES
CARTAZES

Publicidade no
«REPORTER X»

■ e todos os jor-nais nacionais e estrangeiros ■



“REPORTER X”

Compram-se os números 1,
5, 6 e 7 dêste semanário
que se encontram esgotados

Trata-se na administração do REPORTER X, Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■

Um curioso estudo sôbre as fôrças navais, aéreas e terrestres

de tódos os países, apresentado pelo "Year Book"

180.000.000 de homens em armas e 1.800.000 mortos em 24 horas

A Europa vai festejar o pacto Kellogg. O Juri, vai reunir-se entre as brumas escandinavas para distribuir dois prêmios aos mais salientes sacerdotes da paz. Em Paris, no «Teatro Ateliers», a multidão aplaude, frenética, tódos as noites, um drama pacifista. A adaptação cinematográfica do «A l'ouest rien de nouveau» atrai tódas as noites cinco mil espectadores ao «Impire», de Londres, que tem as suas casas esgotadas para um mês e em cuja sala imensa reboam gritos de entusiasmo nas passagens mais pacifistas da película. O autor alemão daquêlê romance anuncia para breve outro livro anti-prussiano — intitulado «Os marinheiros do Kaiser». A Liga das Nações faz coincidir o melhor da sua actividade pela paz mundial. Mas...

E o «Daily Mail», no Year Book para 1931, que esfarea tódas essas utopias — com a seguinte estatística...

A GUERRA NOS ARES

Eis o que, a pesar-de tódos os esforços dos pacifistas, de tódos os pactos, de tódos os Kelloggs, consta da organização para a guerra aérea, das várias potências mundiais — segundo o já citado Year Book para 1931, editado pelo Daily Mail.

A França possui 4.730 aparelhos, a Inglaterra



Uma espantosa previsão da guerra proxima. O centro de Londres sob um cyclone de gases asfixiantes.

1.292, a Italia 1.100, os Estados Unidos 900 e o Japão 500.

Isto sem falar nos dois aerostigs — dirigíveis — que a Inglaterra possui (um ficou destruido há pouco tempo, o «R-101») e nos 12 que planela construir este ano. A aviação Inglesa emprega 12.600 homens, officiaes e soldados, e o seu orçamento anual é de 20.923.000 libras esterlinas — menor

em tódo o caso do que o dos Estados Unidos, que foi votado em 33.000.000 de libras.

A GUERRA NOS MARES

Desçamos às aguas de lápis em riste e apontemos, sinteticamente, os vasos de guerra que as potências dispõem, como illustração gráfica e metálica aos poemas da paz.

Inglaterra: navios de 1.ª classe (aquêlles monstros de aço, vomitando fogo das suas entranhas, como dizia Guerra Junqueiro), 3; de 2.ª classe, 10;



Uma escola de Berlim, onde se aprende a defesa dos gases asfixiantes e o socorro aos atacados.

couraçados vulgares, 2; couraçados do tipo «Washington», 13; couraçados modernos, 40; «flotilla» (?) Leaders (?) 5; «destroyers» modernos, 41; submarinos modernos, 58. Total: 182. Officiaes e tripulantes: 94.000 homens. Orçamento: 51.730.000 libras.

Os Estados Unidos possuem 214 vasos de guerra, com 114.000 homens, entre officiaes e tripulantes, e votou um orçamento de 74.000.000 de libras para 1931.

A Alemanha, estrangulada, como está, pelas exigencias do tratado de Versailles — possui: apenas 6 cruzadores, 6 couraçados, 12 «destroyers» e 12 torpedeiros — ou sejam 36 navios de guerra, com 15.000 homens (officiaes e marinheiros).

A Russia dos Soviets também não está com meias medidas: 4 «dreadnoughts», 3 couraçados, 12 «destroyers» e 7 submarinos — estando a concluir-se nos seus estabelecimentos 4 couraçados, 10 «destroyers» e 15 submarinos — que totalizarão a sua esquadra em 65 navios com 38.000 homens.

A França, rapidamente focada e sem detalhes, pela estatística que nos guia, apparece-nos com os seguintes números: 97 vasos de guerra e 89.000 homens; a Italia com 65 navios e 47.000 homens;

e o Japão com 25.000 homens e a seguinte esquadra: 12 cruzadores, 28 «destroyers», 33 submarinos e... 143 hidroplanos ao serviço da marinha.

A GUERRA EM TERRA

Vamos aos exercitos. Inglaterra: pode mobilizar 5.704.000 homens — mas em tempo de paz dispõe do seguinte exercito: 139.513 na Grã-Bretanha; 59.915 na India e 132.000 espalhados pelas colonias, etc. Total 331.428 homens. Orçamento: 40.500.000 libras.

A França: 317.000 homens, com 151.000 de tropas colonias, 33.380 de Gendarmaria e Guarda Republicana e 33.000.000 de libras de orçamento. A Italia garante poder mobilizar 5.600.000 homens em tempo de guerra e possui em tempo normal 251.000 homens no exercito, 326.000 milicianos do Fascio e 20.400 na aviação. A Russia mantém nas fileiras do seu famoso exercito regular 840.000 homens. A Polonia, cuja ameaça da vizinha Russia a obriga a um exercito militar permanente, organizou um exercito de 253.000 homens, além dos 20.613 que mantem na fronteira bolchevista, podendo mobilizar 1.200.000 homens. A Servia Imperialista e tirana dos povos balcânicos tem um exercito regular de 108.000 homens.



O que será a guerra quinta...

A Romenia, que mobilizou na guerra 1.000.000 de soldados, mantém um exercito regular de 180.000 homens. A Suecia, país sem inimigos nem ambições, tem 34.500 homens armados, podendo mobilizar 600.000. O Japão, cuja organização militar foi tão rápida como completa, mantem em fileiras

(Conclui na pag. 15)

AINDA O JULGAMENTO DE LONDRES

História de um envelope que estava na mesa do juiz

Só agora, propositadamente tarde, tirei do frigorífico as últimas folhas da minha reportagem em Londres sobre o julgamento de Waterlow. Digo propositadamente porque sendo tardia a sua publicação é mais oportuna agora do que a seguir aos acontecimentos. São folhas soltas que eu não coto, nem acerto; deixo-as embairhar pelo acaso e assim como ficarem saídas.

Lisboa-Janeiro de 1931

LONDRES, 10 de Dezembro.—Desisto de profeta. São tantas e tão contrárias as afirmações sobre o remate deste processo... Tive uma surpresa agradável, hoje, ao chegar ao tribunal. Sobre a mesa do juiz está um grande envelope.—«Quem lhe teria escrito do nosso país?—cochicha-me aos ouvidos um dos intérpretes que esteve próximo da secretária de Sir Right.—Aquele envelope enorme tem sérs portugueses... e está bem recheado...

Já não tirei os olhos do sobrescrito. A certa altura o juiz boceja, relancia a vista pelo envelope, ergue-o como se quisesse radiografá-lo, abre-o e... vejo, emocionadamente, saír d'ele uma papelada, confusa no primeiro instante, e logo reconhecível pelo berro de cor do X vermelho. Era o último número do «Reporter X». Sir Right examina-o sem interesse, mas com certa surpresa. Dir-se-lhe que pergunta si proprio quem lhe teria enviado aquêle jornal e para quê—visto estar redigido num idioma ignorado. Mas logo descobre três altas folhas de papel branco, dactilografado, presas no cimo duma das páginas por um pequeno alfinete. Pela sua metamorfose fisionomica, pelo galope em os seus olhões pisca-se e lança-se, percorrendo as linhas, deduzo que essas folhas estão escritas em inglês, que o seu conteúdo lhe oferece grande interesse e que, provavelmente, traduzem qualquer dos artigos... Qual seria?

LONDRES, 14.—Waterlow está preocupado. Waterlow não parece o mesmo gigante sorna, sonolento, vagamente único, das outras sessões. O seu ilustre advogado—que o é, de facto—perdeu a firmeza, a segurança com que floreteava a defesa. O juiz torna-se quasi cruel para o réu e para os seus defensores. Corta-lhes continuamente a palavra, com insinuações irónicas. Quando um empregado do Banco depanha com testemunha, o advogado de Waterlow pressa-o com perguntas exageradamente minuciosas. Foca-se a procura da celebre carta de Waterlow que os directores do Banco de Portugal negam ter recebido. A testemunha foi encarregada de a buscar nos arquivos. Quantos dias a procurou? Quantas horas gastou em casa di? E o muito numero de correspondencia diaria do Banco? E o juiz intervem e corta a inquirição da defesa: «Basta, senhor... Pergunte-lhe tambem se é miope ou se é desembracado...»

Não há dúvida. Todos notam. O juiz mudou muito sensivelmente... Perdeu o ar afavel com que lidava com o réu. E porquê? Sobre a sua mesa continua a existir-se o envelope com sérs portugueses, com o ultimo numero do «Reporter X» e as folhas dactilografadas. Que dirão ellas? Quem as enviara?

LONDRES, 15.—Há momentos neste tribunal em que me esqueço que estou em Inglaterra. Neste momento já ouço falar portuguez. Agrada-me e nunca como hoje a nossa lingua



Dr. Mario Pinheiro Chagas

me pareceu tão musical... Aproveito eles estarem todos juntos para os fixar no papel... Destaco o Dr. Mario Pinheiro Chagas, o advogado consultor do Banco de Portugal. Poucas vezes a responsabilidade dum nome ilustre, herdado, encontrou melhores ombros para a receber. O Dr. Mario Pinheiro Chagas tem-se imposto, por todos os motivos; e por mais de uma vez a



Um aspecto exterior do tribunal

sua serena energia, o brilho da sua intelligencia, os recursos da sua erudição e a facilidade com que manja o inglês, tem obrigado a baixar os olhos e a enfraquecer o tom de voz dos adversários. A sua carreira tem sido gloriosa; mas a sua estadia em Londres marca, seguramente, o seu maior triumpho. O sr. Inocencio Camacho, que é, fisicamente, o mais portuguez de todos eles, conseguiu, com o seu ar bonacheirão, surprender o juiz Right, que o trata por Sir e que confessou em voz alta o seu respeito por Sua Excelencia. E' que o depoimento de

Os segredos da mão negra

A suggestiva capa que o presente numero do Reporter X publica é a evocação de uma scena emocionante das aventuras da celebre e tenebrosa quadrilha internacional Mão Negra que durante muitos anos praticou as mais extraordinárias proezas de banditismo que se podem conceber, sem que a policia de vários países pudesse exterminá-la.

Reporter X iniciará no próximo numero a publicação de estupendas revelações da organização da Mão Negra, que um habilissimo chefe de policia italiano conseguiu aniquilar.

Apontamentos sobre os portuguezes no tribunal londrino

Camacho foi, de facto, notavel, como simplididade eloquente... Mas sobretudo o que o valorizou foi o simbolismo da sua silhueta, o ar brejeiro, o á vontade lustranissimo, a graça a tempo... Foi para mim uma revelação—tanto mais sincera quanto severo tenho sido noutras occasias. O Dr. Mota Gomes e o melancólico do grupo. Fala pouco, não desmancha o conjunto, antes pelo contrario—mas dir-se-lhe que os ares de Londres lhe pesam como chumbo. Adelino Mendes, o jornalista vibrante e herculeo, e a irreverencia nacional, o «pão pão» portuguez. Em Londres como em Lisboa, o seu bom humor extravagante e imprevisito corta, retalia, autopsia, queima, põe tudo em pratos limpos—entre dois galopos da pena em que improvisa uma reportagem sensacional ou um tank em prosa irresistivel. Antonio Ferro, o cronista andante e inquieto, disfarçado burguez pacato e tranquilo, o este desconfiado para Adelino Mendes; e está para ele.

Mas eis que um dos intérpretes se aproxima e conta...

—O juiz Right está furioso contra Waterlow. Acaba de escutar, sem querer, uma conversa a este respeito. Ouvi falar num strux desonesto... numa falsa ruína... numa companhia canadense...

Esta revelação illumina-me por dentro! Ecco o «Reporter X» que o juiz recebeu; recordo a página em que se lêem as folhas dactilografadas. Tiro do bolso um exemplar do mesmo numero; abro-o no mesmo sitio e vejo... vejo a minha reportagem sobre o maquiavelismo de Waterlow, procurando... arruinar-se para, no caso de ser vencido, não pagar...

E teria sido o «Reporter X» que...? De todas as formas quem seria que enviou o jornal ao juiz?

Paris, 24 de Dezembro.—Leio nos jornais que Waterlow perdeu. Qualquer que seja o meu criterio sobre os Bancos em geral—não posso deixar de me alegrar e de sorrir, feliz, com a ideia da partidinha que se pegou aos ingleses, a Waterlow, aos sócios, a todos quantos, no tribunal, nos olhavam como senhores. São 300.000 libras que entram em Portugal. O Banco era portuguez e Waterlow... inglês. Não sei porque, recordo-me agora de certa crónica de Fça, em que o sublime autor dos «Maia» contava um desastre succedido ao «Times», terminando assim: «Alegramos-nos pela partida de que foi vitima o mais selo jornal de Inglaterra...»

Paris, 25 de Dezembro.—Triste Natal—exilado, longe da familia, em convalescencia da queda que dei na escadaria do tribunal londrino, nas vésperas da partida de Londres, e que me surpreendi em Paris com um agravamento sério. Mas o Menção nos quis dar-me a sua prenda. A prenda é uma carta de alguém que ficou em Londres e que diz assim: «A pessoa que V. sabe sempre conseguiu copiar o «remete» do envelope que estava sobre a mesa do juiz e junto lhe envio o apontamento. Segundo as suas instruções gratifique-o com etc. etc.» Peço ansioso no recorte de dar-me: *Edith B. Waterlow, Rua da Escola Politecnica, Lisboa.* Uma mulher! Uma inglesa! E com apelido Waterlow! Quem será essa mulher? Que motivos de ódio ou de vingança a levou a enviar ao juiz a minha reportagem sobre Waterlow?

REPORTER X

UM GRANDE COMBATE NAVAL

Um tripulante do submarino que torpedeou o «Augusto de Castilho» esteve em Portugal e foi entrevistado pelo «Reporter X» — Evoca-se a figura heroica de Carvalho Araujo — Pormenores inéditos da luta — As homenagens do adversário

RETINIU a campanha do telefone — o telefone que é, leitores, na nossa época de velocidades meteóricas, o nosso melhor reporter.

- Está lá?
- Sim, é do Reporter X que fala. Que deseja?
- Quem fala?
- Não te conhecia pela voz. Tens a certeza do que me dizes?
- Absoluta?
- Não nos demoraremos cinco minutos.

Pousámos o auscultador. Reinaldo Ferreira olhava-nos intrigado. Queria adivinhar no nosso rôsto a grande novidade que acabavam de nos dar do outro extremo do fio mágico que transmite o som a grandes distâncias. Não prolongámos demasiado a ansiedade do nosso director e pausadamente, batendo bem as silabas para que a frase resultasse mais nitida e expressiva, dissemos-lhe: — José Migueis, um velho amigo, empregado no bar do Avenida Palace, que tem, um pouco por contágio, um faro jornalístico invejável, acaba de me informar que se encontra naquêla bar tomando pacatamente um calice de Porto o...

- Quem?
- ... um antigo oficial da marinha



Um grupo de jovens oficiais da marinha, vendo-se Carvalho Araujo de pé, à direita

alemã que assistiu ao bombardeamento do *Augusto de Castilho*.

Era uma noticia empolgante que punha em alvorôço a nossa redacção. Dir-se-ia que estavamos na presença do

grande submarino alemão que torpedeara tantos navios indefesos e que, em plena guerra, lhe iríamos dar combate. Resolvemos, por entre a confusão, tomar o caminho da rua, que era, leitores, nesta batalha jornalística em que andamos



Carvalho Araujo

empenhados, o caminho do grande, do decisivo combate.

E na iminência da luta que iam travar, para bem do grande público ansioso de novidades, no nosso pensamento resuscitava nitida a visão do grande combate travado pelo minúsculo caça-minas que um bravo — Carvalho Araujo — comandava na manhã de 12 de Outubro de 1918.

O SINAL DE ALARME

Às seis e quinze minutos dessa manhã, o vigia do caça-minas *Augusto de Castilho* gritou do alto do mastaréu: — Submarino! Submarino!

Carvalho Araujo circunvagou a vista. Era realmente verdade. Pela alheta de bombordo do *S. Miguel*, que o caça-minas combolava, aparecia o dorso sombrio de um enorme submarino alemão. Ante a terrível evidencia, o brioso e jovem comandante clamou:

— A postos de combate! Tôdos a postos!

Manuel Armando Ferraz, guarda-marinha, immediato do *Augusto de Castilho*, primeira classificação na Escola Naval e

vinte e um anos sádios, confiantes, sonhando um futuro cheio de promessas luminosas e sedutoras, foi acordado em sobresalto por fortes pancadas à sua porta.

— Quem é?! — inquiriu de mau humor.

— Senhor guarda-marinha, os alemães!

— O quê?

— Um submarino... — esclareceu a voz que o chamava.

De um salto, Ferraz abriu a porta, dando de cara com o 2.º marinheiro T. S. n.º 4750, Francisco Pires Louro.

A bordo havia grande reboliço. Chegavam lá abaixo as vozes fortes do comandante Carvalho Araujo. Toda a gente corria à pressa preparando-se para a refeição. Com um pé calçado e outro descalço, Ferraz correu a tomar o seu lugar. A luta, a grande e trágica luta, ia começar.

De bordo do submarino alemão faziam fogo sobre o *S. Miguel*. Em torno do navio mercante erguiam-se cadáupias de água, que no ar se abriam em grinaldas de espuma. Era a tática usada pelos subditos do *Kaiser*: torpedear os navios de passageiros, mesmo de países neutros.

— Fôgo! Fôgo!... De bordo do patrulheiro, a peça de ré, manobrada por Ferraz, lançava granadas contra o submersível, granadas que não o atingiam porque a peça era de pouco alcance. A toda a força das máquinas, o transporte pretende evadir-se. Car-



O caça-minas «Augusto de Castilho»

valho Araujo vê, num relance, que só uma resolução desesperada pode impedir o extermínio de algumas centenas de mulheres, velhos e crianças.

Uma ordem, uma ordem que é quasi

(Conclui na pag. 14)

UM MÉDICO DE AVEIRO QUE ABUSA DA SUA PROFISSÃO

A história comovedora de duas irmãs; uma, tuberculosa e abandonada por tôdos, outra, estuante de mocidade e vilmente enganada por um cavalheiro respeitavel

ENTRE a correspondência habitual que diariamente recebo, aquella carta de Aveiro, datada de 11 de Janeiro, foi logo distinguida pela minha curiosidade — porque em Aveiro deixei, a quando da minha passagem, a amizade de dois gentilíssimos amigos, que eu reconheço sincera.

E foi profundamente emocionado que eu li, num dos parágrafos dessa carta, o seguinte período:

Efectivamente, a pobre Adelaide morreu no dia 9...

Uma escassa linha de prosa que encerra uma grande tragédia da vida — uma dolorosa tragédia que evoco agora, impressionado, recordando tôdo

de defesa, em caso de esboço de agressão por parte das entidades alvejadas... Mesmo, a missão do reporter serve sómente de ponte de passagem entre o novo e as autoridades... A policia, pois, que investigue — para que a Justiça possa cumprir, conscientemente...

**UMA «EXEMPLARÍSSIMA»
CASA DE SAUDE E UM
MÉDICO DESCUIDADO QUE
RECEITA CARROS DE AREIA**

Há aproximadamente 10 anos que Adelaide Marques, natural e residente em Vilar, — pequeno lugarejo a poucos quilómetros de Aveiro — filha de Custódio «do Bate» e de Maria Marques, se empregava, como servical, numa Casa de Saúde existente nesta cidade, de que é director o dr. Laurentino Serrano Pereira — espirito destituído de sentimentos belos, libidinoso, sensual, o qual, para satisfazer os seus desígnios criminosos e abjectos, não se importa de recorrer até a violência...

— em este médico uma conformação física vulgar: estatura mediana, no tipo-padrão de burguez bem alimentado, de comerciante falsificador, sintetizando-se-lhe no rosto boçal, por vezes estiptido, onde há um pedante bigodinho á americana a disfarçar a grossura sensuational dos belcos carnudos e uns óculos de vidros redondos, circundados por aros de tartaruga, tôda a hediondez dum alma suja, ignóbil. Não engana, contudo, a quem o observe com cuidado, a-pesar-de se mascarar sempre com um sorriso amável, benevoló, protector, bonacheirão...

A sua actividade desenvolve-se em prodigiosas manifestações de cultura artistica, scientifica e fisica, porquanto, o famoso médico, além de director da referida Casa de Saúde, é, ainda, presidente da C. M. A. — initials da Corporação Musical de Aveiro; membro do Juri da Associação de Remelros e Barqueiros de Aveiro — triunfante «club» de natação que tem ganho as mais difficeis provas desportivas; membro da Colectividade Vernacilla, que é uma prestimosa organização literária; membro dos corpos directivos do Remo-Club, etc., etc...

Mas as proezas que lhe dão mais nomeada são tôdas praticadas na célebre Casa de Saúde, da qual o dr. Laurentino Pereira se arvora em dono poderoso, effectuando, a coberto do seu cargo, as mais infames iniquidades, que chegam, muitas vezes, á violentação de indefesas raparigas, que depois abandona e atemoriza com o seu poderio, obrigando-as a morder a vergonha do seu opróbrico, a guardar, para si, recosamente, a revolta contra o autor do crime que as victimas.

— No cumprimento do seu dever de médico conta-se varios episódios, típicos, anecdoticos, grotescos, que revelam a inconsciência com que o dr. Laurentino Pereira exerce a sua acção clinica.

Um dia, por exemplo, quando doente o foi consultar e naturalmente levou no final a respectiva receita. Qual não foi, porém, o seu espanto quando o farmacêutico, ao ler a receita, deu com estas palavras:

— «Mais um carro de areia».

— E' que, quando escreveu o papelucho, o nosso

doutor estava a pensar nas obras dum edificio seu em que andava empenhado.

— Ora, calcule — diz-nos o nosso informador — se o homenzinho estivesse a pensar na forma de matar tôdos os ratos do seu soño... teria escrito, certamente: «Arsénico»...

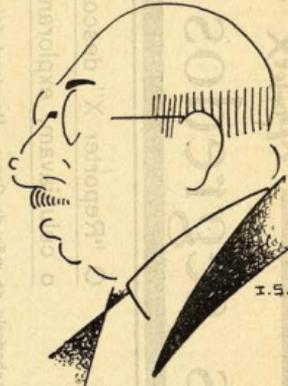
E passemos em claro as escandalosas bebedeiras da enfermeira Matilde, mesmo no desempenho do seu cargo de responsabilidade na tal Casa de Saúde; os roubos de roupas, de comidas, as scenas indecorosas de agravado sensualismo que têm como protagonista um enfermeiro da casa; a pancada que a governante Josefina dá em algumas empregadas inferiores do estabelecimento de saúde; a recusa de tratamentos urgentes a doentes desprotegidos, e, em suma, tôdo um completo sudário de casos semelhantes



Júlia Marques, a vítima do dr. Laurentino Pereira

o repugnante caso de banditismo que êsses poucos vocábulos me dizem e que, em Aveiro, foi um inesperado calmante para a série de assumtos de reportagem que me levou a percorrer a provincia como um vagabundo faminto, como um «globe-trotter» errante e incansavel a desventrar para a luz, para o conhecimento do publico, as mais estranhas ocorrências, os mais repelentes crimes, que me foi dado surpreender na origem, ensinados no ambiente próprio.

Mas comecemos pelo principio, tendo, sobre tudo, muito cuidado na perigosa operação que vamos realizar... Há casos que, embora de rigorosa autenticidade, são de difficilissima comprovação se forem transplantados para o campo juridico... E a mim, neste apanhado apressado, mas cuidadoso, de *dramas da vida real*, foi-me impossivel accumular as necessárias provas, fáticas, materiais, da Verdade — que seriam os meus naturais meios



O dr. Laurentino Pereira

de que o digno director tem conhecimento — para, sómente, nos occuparmos do mais revoltante crime, recentemente praticado pelo dr. Laurentino Pereira e que vive ainda, palpitante, no animo de tôdos os habitantes de Aveiro.

A VINGANÇA DUM CANALHA

No extenuante trabalho a seu cargo na *modelar* Casa de Saúde, adquiriu a desventurada Adelaide terrível e incuravel enfermidade que a fez cair ao leito: — tuberculose em ultimo grau, com hemoptises constantes e graves complicações do coração.

E depois dum superficial exame feito pelo exemplar director daquelle *serralho*, acobertado com o nome de Casa de Saúde, recolheu a desditosa servical ao pavilhão das tuberculosas, onde ficou

(Conclai na pag. 11)

Os segredos da "chantage"



O "Reporter X" descobriu um bando de miseráveis que o caluniavam, explorando ao mesmo tempo os incautos

A sabedoria da mãe de Cesar — Um desabafo... — A história da «chantage» — Os ocasionais e os profissionais — O actor sem contrato — O professor de canto... — Um diálogo entre um velho e um moço — O Marquês de Sagres e o Utra Machado — Morais de Carvalho e o sr. B. — A propósito do «Sátiro de Coruche» — Na pista...

Ao alcançar a idade das sentenças e numa hora de milagrosa sabedoria, a mãe de Cesar disse: «Não basta, a nós mulheres, sermos honradas: é preciso, sobretudo, parecê-lo; exhibi-lo». Ignoro que longo e sinuoso caminho esse conselho percorreu para chegar até mim; o que sei é que, vinte séculos depois, ele representa ainda uma grande verdade, uma verdade oportuna e dolorosa, e me obriga a escrever esta reportagem — como quem desembala um revolver contra um «pache» ou escarra no rosto dum miserável.

Eu sou honrado! Honrado como homem e como jornalista — visto que não me servem as teorias dos que se julgam homens de bem roubando, praticando todas as ignomínias dentro da sua profissão — só porque são honrados no lar, com a mulher e com os filhos. Quem é honrado, é-o em casa e na rua, em toda a parte — ou então não o é! Há 17 anos que vivo exclusivamente da minha pena, escrevendo noite e dia, estoirando os nervos e o cérebro. Os cabelos embranquecem-me; os olhos perdem brilho; o coração ganha uma vibratibilidade estranha... E fiz apenas 33 anos! E quixotiei contra dezenas de velhacos poderosos e de bandalhos cruéis, de moínhos das negociações ilegítimas! E somados os interesses que eu descaitei — apuram-se milhares de contos! E sou pobre! Evidente, eloquentemente pobre! Ora se após tudo isto sou pobre é porque sou honrado, é porque nunca conseguiram tarifá-lo meu silêncio — ou então não há lógica neste mundo!

Fundei este jornal que é como a minha formatura, a realização da mais velha das ambições e que deve ser, e é, o espelho simbólico de todas as minhas virtudes e defeitos. Cerquei-me de gente tão honrada como eu. E sendo este jornal meu — ele tem que ser — e é — honrado também. Eu e ele temos adversários! E natural! Há quem nos odie! E humano! Temos sofrido contra-ataques raivosos, epilépticos, espumando baba! E legítimo! Mas nunca, frente a frente, em voz alta ou em caratéis lino-tipados e com nome por baixo, ouvi quem ousasse duvidar da nossa honra. E se neste mundo houvesse lógica, bastaria isto para que eu, ele — o jornal, e os que nele trabalham, vivessemos tão tranquilos como vivem as nossas consciências. Seria este o menor e o mais justo prémio dos nossos sacrifícios — da nossa pobreza honrada. E não basta!

Nada solidariza tanto os homens como a infâmia. Entre duas pessoas de bem pode surgir, surge quasi sempre, a desarmonia; entre mil bandalhos, mesmo dispersos, existe uma só comunhão de ideias, uma espécie de sentimentalismo fraternal que os leva a fechar quadrado quando um dos do bando é atacado... Ora como nós não os temos poupado, como o Reporter X não transige, não quebra o aço das suas balonetas, como nem a bem nem a mal nos silenciam, ei-los em sangue e em fúria, bolsando bacillus da calúnia nas fontes onde a opinião pública vai beber... E pelos cafés, pelas esquinas, em voz baixa, a médio, mas com médo, com toda a energia do seu ódio, que eles segredam que o Reporter X se vende, que os nossos ataques são gazetas de arrombadores de cofre, os nossos artigos navalhas de ruído, azagaias de chantage... Se falamos — é porque nos vendemos... Se não falamos — é porque nos vendemos! Nenhum desses trastes pode apresentar uma só prova dessa ignomínia! Nenhum! E ninguém lhes pede. E há quem os escute!

Há muito que estamos avisados dessa cidade dos miseráveis — e sorriamos com desprezo. Mas agora, agora que eles exageraram, agora que eles foram longe de mais, que passaram da calúnia falada à calúnia praticada; agora que nos convenceram que a mãe de Cesar tinha razão; que não basta ser humano; que é preciso, sobretudo, parecê-lo; agora que temos nas mãos não só as provas dessa honradez, que estiveram sempre ao alcance de toda a gente, mas também as da infâmia deles, vamos tosqued-los, rapar-lhes o crâneo amolgado de facinoras natos, sem dó nem piedade. E um trabalho que poupamos aos barbeiros da Penitenciaría...

Atenção senhores! O que ides ler — interessa-vos! Palavra de Reporter X — que é palavra honrada!

A HISTÓRIA DAS «CHANTAGES»

Um pouco de Larousse... Chantage, ou seja exploração infame dum segredo, é um género de banditismo tão antigo como o mundo. Se folhearmos a história encontraremos Teblus, escravo de Marco Aurelio, exigindo da esposa deste a libertação e as jóias em troca do silêncio sobre o seu adultério. Mas foi em França que a chantage se aperfeiçoou e que, no século XVI, foi rotulada com o nome que ainda hoje usa. Um professor de canto, de origem italiana, Giovanni Crasso, aproveitava o ser recebido na intimidade dos seus alunos para surpreender indiscretidades e negociá-las depois, sob ameaças. Daí o chamam-se aos chantagistas, maitres-chanteurs; ao acto, faire chanter, (fazer cantar), porque o ca-

valheiro usava de cautela nas suas exigências epistolares, nos seguintes termos: «Se V. não cantar a ária que lhe disse,erei eu obrigado a fazê-lo por si...»; e é infâmia chantage, que é uma libérrima consequência de chant (canto). Houve sempre, em todas as épocas, dois géneros de chantagistas: os ocasionais e os profissionais. Os primeiros são sempre indivíduos ambiciosos e sem escrúpulos que um dia escutaram um segredo e que fizeram dessa bisbilhotice um cruel modo de vida. Quantos casos semelhantes, quantas almas torturadas, quantos suicídios enigmáticos, quantas tragédias inexplicáveis não se dão, até nos nossos dias, aqui mesmo, em Portugal! A creada do «Primo Basilio», apanhando a carta que a patrão escrevera ao sedutor e floreteando-a depois como arma de todas as exigências, de todos os caprichos, até os do seu ódio de egoísta doente, é um símbolo. Guillaume, o director da policia secreta de Paris, disse-me uma vez, quando o entrevistei para Le Soir, onde eu então colaborava: «O mais frequente delicto da actualidade é o da chantage. Se fosse possível prender todos os chantagistas da alta sociedade, metade dos salões ficariam despooados. Fazem-se até chantages entre próprios chantagistas e a propósito das suas próprias chantages. Mas a mais frequente de todas é a que escraviza as mulheres. Pobres das que um dia cedem à tentação de escrever uma carta imprudente. Quando não é um amigo que apanha essa carta é o próprio Tenório que a joga cruelmente.» Ainda há



Sob a ameaça de publicação de segredos escandalosos no Reporter X, os amiguinhos «chantageurs» tentam arrancar dinheiro aos medrosos.

poucos dias, após o meu regresso de Londres encontrei na Chie um actor conhecido, com basófilas de ser descendente de fidalgos e que há muito está sem contrato. Aparentava desafogo material, castita no traje, enjoiado com anéis verdadeiros e planeando turismo à Côte Azur. Um colega dele cochichou-me ao ouvido: «Saiu-lhe a sorte grande... Um dia no Hotel Z..., no Estoril, fotografou a filha do Dr. Y..., com um fulanito qualquer. A pobre rapariga, para que o pai e o noivo nada saibam, tem sofrido verdadeiros véxames, empenhando jóias e invadindo até a carteira paterna, ás escondidas. Mas ele sente-se feliz e vive à grande.»

Entre nós, a chantage organizada e o chantagista profissional não são um mito. Existem, de facto, mas graças a não sei que milagres têm gozado sempre da mais suave das impunidades. Podia citar-lhes dezenas de casos. Evocarei um só. Recordam-se de um certo crime misterioso cometido, há anos, na Graça — crime que ainda hoje está por decifrar? Recordam-se do escândalo em redor de um certo estrangeiro principesco que viveu no Dalundo alguns meses e anos depois daquele crime? Pois bem. Os dois factos estão estreitamente ligados, não só por serem obra da mesma quadrilha de chantagistas como também porque este escândalo foi o remate da tragédia iniciada... por aquêle crime. E o mais pitoresco desse bando é que todos os seus componentes se marcam pelo mesmo... delicto físico-moral. O seu chefe, embora seja bastante conhecido precisamente porque padece da mesma anomalia oscarwildiana (?), passa aos olhos da sociedade como um indivíduo digno de melhor sorte. O seu aspecto, o seu nome e até o seu talento fazem com muita gente diga: «Coltado de Fulano... E uma pena ter aquêle fraco! Se não fosse isso — era uma perfeição humana!» E mal sabem eles que o marmanjo vive e faz viver dezenas de souteneurs noirs do negócio da chantage; e que o seu passado está rubro de sangue...

A «CHANTAGE» JORNALISTICA

É um terceiro modelo de chantage. O primeiro jornal que a explorar ficou célebre na história política. Foi La Justice de Paris. O seu director, Marcel Roy, apenas pôde manter a sua ignominia durante poucos meses. Quando a policia entrou na redacção para a selar — encontrou-o morto — morto por uma das suas vítimas. Bem sei que a moral varia muito de país para país, de clima para clima.

O que no sul é uma infâmia, no norte é um acto banal e vice-versa.

O passar da calisse na imprensa francesa é dum legitimidade igual à de se pagar um bife que se come num restaurant. Hel-de lembrar-me sempre de dois episódios da minha vida jornalística em França. Um deles é o que se segue. Estava eu director da Americana quando recebi um telegrama sensacional; o Chile declarara guerra ao Peru. O «Eclair» era um diário a que eu pretendia fornecer o meu serviço informativo da agencia. Tomei um taxi e dirigi-me à redacção — na Rua Montmartre. Passava da meia noite e só pôde falar com o chefe do «estrangeiro» — o sr. Jaquet. Recebe-me no seu gabinete; exhibo-lhe o telegrama e ele pergunta-me — «De quel côté marchez-vous, mr. Reinaldo; du Chile ou du Peru? E como eu não percebesse logo, esclareceu: «Quero que me diga se já recebeu dinheiro do Chile ou do Peru — para eu saber a qual das duas legações devo ir pedir para que me pague a publicação ou o silêncio!»

Portugal, embora não possa gabar-se em absoluto de não ter sido contagiado por essa ignomínia, é dos países onde a imprensa é mais honrada. Isso não quer dizer que não existam ex-

história... Sou amigo dos B. B. do Porto — os primeiros que... se julgaram atacados pelo jornal do X... Pensei e penso que o X foi demasiado enérgico e cheguei a indignar-me. Um dia, estando no gabinete dos B. B., um deles disse-me: «Acabo de receber a visita de um sujeito que me pede mil escudos para que o X não publique mais nada.» Respondi-lhe: «Não creio nisso... Mil escudos... acho barato.» Quis conhecer o visitante. E conheci-o. Poucas semanas depois esse homem era preso no Grande Hotel do Porto... surpreendido em flagrante chantage... em nome doutro que estava tão longe de saber que o metiam nessa infâmia como eu ou como você... Sabe quem era esse chantagista? O Cavalleiro da Verdade — o homem que pouco antes se desmascarara aos olhos dos próprios B. B. atacando estupidamente, num panfleto, o Reporter X... Quer melhor?»

A PRIMEIRA CAMPANHA

Estava no Porto quando um dos redactores deste jornal me escreveu contando as patifarias impunes e ininterruptas do Marquês de Sagres. E rematava assim: «Esse homem conseguiu sempre calar todos os que se indignam com o seu procedimento». Ordenei imediatamente que se organizasse um dossier completo sobre ele — com um entusiasmo de um Siegfried que vai atacar um dragão. Que outro interesse podia eu ter nessa campanha além do de prestar um serviço ao público? O de... receber dinheiro? Mas nesse caso não recusaria, como está publicamente provado que recusei, os cinquenta contos que esse homem me mandou oferecer. E lógico! É evidente! É indiscutível! É ele próprio, Sua Ex.ª o Marquês de Sagres, que diga se é ou não é verdade que me recusei; se é ou não é verdade que nunca, directa ou indirectamente, lhe solicitei algo pelo meu silêncio. E se não era para receber dinheiro do marquês, a quem podia eu objectivar francamente esta campanha? Quem ma podia pagar? Ninguém... E contudo...

A PRIMEIRA INSÍDIA

Um dia e já no final dessa campanha, pedem-me para eu dar trabalho a um badameco ridículo, com ar alarvado, de nome Utra Machado. Não havia vaga, e por piedade disseram-lhe que trabalhasse na administração. Pouco depois aparece o mesmo sujeitoinho a dizer que tinha uma reportagem sensacional. Deixei-o trabalhar e quando me trouxe a prosa... duvidei dele. Suspeitei dele! Não a quis publicar. Recordo-me que estava doente havia oito dias, num quarto do Hotel Francfort, e que foi nesse quarto e na cama que eu o recebi. Nessa mesma noite, a uma mesa onde estava o meu querido camarada Americo Faria, esse sr. Utra Machado, ignorando os laços de amizade que me uniam aos ouvintes, ignorando que eles sabiam que eu estava de cama, segredou-lhes: «Acompanhei hoje o «Reporter X» à porta da casa do Marquês de Sagres. Foi receber os 50 contos para se calar!» Cinquenta contos! O miserável! 49 pontapés



Um redactor do Reporter X, disfarçado em garoto dos jornais, vigia a leituria da Marquês de Sagres

lhe fiquel devendo, porque um pagou-o 24 horas depois quando teve o descaramento de me vir procurar!

Foi esta a primeira insídia de que tive conhecimento. Mas há mais!

O CASO DE CORUCHE

Costa Junior é, além de jornalista brilhante, um homem reconhecidamente honrado. E se não fosse não trabalhava no Reporter X. Foi ele quem des-

(Conclui na pag. 14)

MISTERIOS DA VIDA LÍBIA BOETA

QUAL FARELE É O LABORATORIO DOS FELIÇOS



LIBERINA

(Continuado)

— «Havia muito tempo que eu notava uma excepção na franqueza despreocupada com que Maria Augusta me acolhia na sua intimidade... — bibilhotou essa amiga, cercada pelas outras amigas. — Eu, em sua casa, sentia-me como na minha. Nenhuma fronteira protocolar me impedia de fazer o que me apetecesse, mas (eis a tal excepção) uma porta se mantinha sempre cerrada para mim... Uma porta, não... Duas portas, pertencentes ao mesmo compartimento existente entre a alcova e o *boudoir* de Maria Augusta — portas essas que abriam, respectivamente, para o corredor e para o *boudoir*. Várias vezes tentei aproveitar-me dum distração mas encontrei-as sempre bem fechadas à chave... Várias vezes tentei uma conversa sobre a utilidade e conteúdo desse compartimento, mas encontrei sempre Maria Augusta esquivada a todas as confidências (ela, que é tão franca e mesmo imprudente nos seus desabaços!) E, detalhe curioso: quando de manhã a visitava, surpreendendo-a à saída do leito, Maria Augusta era uma mulherzinha simples, vulgar, simpática sim mas sem aquêle encantamento que nós próprias, mulheres, sentimos e compreendemos que incendeia d'altas loucas no coração dos homens... Assistia à sua primeira toilette, no *boudoir*, sem que, terminada esta, resurgisse a «mulher-postal», dando-se porém, inadvertidamente, o estranho caso de me pedir desculpa por me deixar só algum tempo. Entrava a seguir no misterioso compartimento, sem janelas, fechava rapidamente a porta, como para impedir que eu esprietasse o interior, e quando voltava para junto de mim, dera-se já a metamorfose... era já outra Maria Augusta — a outra, a irresistível. Na tarde em que conheceu o Conde e que me pediu para a acompanhar a casa — sabem vocês o que ela foi fazer? »

A narradora destas maravilhas silenciou-se como que para torturar a curiosidade do auditério. A sua volta esgazavam-se os olhares, aguçavam-se os ouvidos.

— Mas conclui...
 — Que viste tu?
 — O que fez Maria Augusta?
 — «Depois de me pedir para esperar por ela, foi direita à tal porta, à porta do misterio, entrou, fechou-se... Através a bandeira vi acender-se uma luz vermelha, suave, de templo budhista... Um vago e distante perfume, perfume divino, sagrado, simonia de perfumes, apenas advinhado — e logo a porta se abriu de novo e Maria Augusta reapareceu...»

«Confesso que, apesar de minutos antes a ter deixado em posse de todos os seus encantamentos — nunca ela me pareceu tão sedutora, tão irresistível no seu domínio... e contudo se me perguntassem *porquê* — não o sabia dizer... Estava igual, em todos os detalhes, à Maria Augusta que viera comigo da Embaixada...»

Calou-se a amiga íntima — e sobre o eco das suas últimas revelações cruzaram-se comentários, perguntas, profecias, raciocínios, hipóteses... Qual seria o segredo da sedutora? Que esse segredo existia material e vivo, occulto entre quatro pare-

des, guardado por duas portas bem fechadas, era evidente. Mas que género de segredo? Seria talisman, imagem de deus oriental, pedra arrancada ao tumulto de Cleópatra, herança da sciência de qualquer sacerdotisa do Amor da Babilónia ou de Cartago, pacto com qualquer anjo, Bom ou Pérfido, ritual de alguma seita ignorada, encantamento ou fluido vindo dos magos da Persia ou dos Iaqueiros do Himalaia?

— «Esperem — lembrou uma das damas, muito lida em certa literatura e muito viajada em certa Asia misteriosa. — Recordo agora uma lenda que escutei na ilha de Talmáia, quando meu marido foi governador... Vocês sabem que na Asia a única verdade é a que se conta como lenda... Foi uma cozinheira indigena que me falou nos pigmeus de Talmáia, tribu isolada de gnomos amarelos, cuja única força e defesa é a fama da sua sciência e da sua magia, que obriga as tribus mais poderosas a respeitá-la e a favorecer-a até com ofertas e premios constantes. E das lendas que irradiam desde lenda — a que mais me interessou, foi a que se refere à exportação dos anjos de Talmáia.



Um mago amarelo, de fluido misterioso...

Consta que, desde que a esposa de um general inglês adquiriu um desses magos e graças a elle a sua fealdade ossuda se tornou numa «sedutora fatal», várias damas europeias, de há mais de um século, a imitam com o mesmo objectivo e resultados — tratando com o chefe da tribu a compra de minúsculos sabios amarelos que, dia a dia, cultivam mantêm um fluido misterioso, superior a todas as deficiências físicas e vencedor dos corações masculinos mais resistentes... Quem nos diz a nós que Maria Augusta não possui um desses pigmeus felicitosos do amor, occulto e guardado négme «laboratório de bruxedos» onde ella prepara todos os dias a magia da sua sedução? É esta hipótese é tanto mais verosímil quanto é certo que, segundo a lenda que eu escutei, desde anos sujeitam-se a todos os cativerios, a todas as clausuras — desde que lhe offerçam a matéria prima para o seu único vicio: «o opio».

E a partir dessa hora a lenda da ilha de Talmáia ficou sendo uma grilhetta da Condessa de Branowitch; bastava evocar-se o seu nome para se seguir a narrativa do seu misterio, do seu laboratorio de fellices e do seu anjo sábio...

Um ano depois do casamento e a poucas semanas de desembarque na ilha de Talmáia — Maria Augusta ficava viuva. O Conde de Branowitch

apareceu morto, no cais. Uma bala esfaqueara-lhe o cérebro. Caira à beira da muralha e o braço e o mulo direito ficara pendente sobre a água. Uns marinheiros encontraram depois a pistola, que devia ser a causa da oração da sua morte. Crime ou suicidio? A policia tomou a sério a primeira hipótese, por não ter sido encontrada nenhuma arma junto ao cadáver, embora um pouco de reflexo bastasse para deduzir que, tendo-se esta solto da mão do suicida durante a queda, fóra recobida pelas ondas, que na resaca a deixaram a descoberto. E como não havia explicação possível, nem para a primeira, nem para a segunda hipótese, o caso foi rapidamente esquecido.

Os dois esposos tinham vindo até Talmáia numa linterneta na Ilha de mel. A vida para Talmáia fóra imposta pelo conde húngaro, que nesta ilha dispunha de grande parte da sua fortuna. Maria Augusta contrariara o mais possível essa viagem — como se tivesse sido avisada a tempo da catástrofe que a aguardava. Por fim cedera com tristeza. As pessoas que os acompanhavam mais a miúdo durante a sua estadia na Ilha notavam um mutuo desgosto nos dois esposos — que eles em vão tentavam disfarçar. Uma noite, no Casino Internacional, algum trouxe a noticia de ter naufragado o «Assirio» — vapor que vinha com carga de Portugal. Ao ouvir essa noticia, Maria Augusta desmaiou. Oito dias depois o conde morria, misteriosamente. No primeiro paquete, Maria Augusta, negra de crêpes, regressava à pátria paterna — a Portugal.

RENASCE O MISTÉRIO DE MARIA AUGUSTA

Gente viajada enchea Lisboa com a lenda do fluido sedutor da Condessa. Mas logo nos primeiros tempos da sua chegada à capital lisboeta essa lenda foi ameaçada de cair no ridiculo. Ninguém comprehendia que aquella mulher tivesse desperdiçado tantas paixões...

Eis que de súbito, porém, ao terminar o luto, novos rumores de amor a euroclaram. Faltou abandonara a esposa, apesar da Condessa o ter prevenido que nada conseguiria do seu coração. Beltrano entrara numa vida artificial e de venci-do, ao ser desenganado pela Condessa. Cicrano arruinara-se na vã tentativa de amor da Condessa... E todos aquêles que tinham encolhido os ombros ante a fama de Maria Augusta eram agora os primeiros a confessar que já mais tinham visto mulher tão perturbadora. E logo, como consequência lógica, vieram à baila as histórias do «Segredo misterioso», do «Laboratório dos fellices» do «Anjo amarelo»...

Conheci a Condessa naquêlle baile em casa do encarregado de negócios da Ukrania — de que já

GRANDES REPORTAGENS NA PROVINCIA

(Continuação da pag. 7)

no abandono do restante pessoal, tendo de cuidar ele próprio de si, para não morrer à míngua de tratamento — que ela, contudo, bem sabia o verdadeiro estado da sua saúde.

Até que em Julho de 1929, uma sua irmã, de 17 anos estuante de mocidade, ricos de fluídos e pobres de bens materiais, — porque os pais, pobres, vivem na mais extrema miséria — Julia de Lome, entrou, também como servil, para aquela Casa de Saúde, talvez acossada pela fome.

E não a fraterna intuição de em alguma coisa poder ser útil à irmã doente, passou a dormir no mesmo aposento, inconscientemente, desprezando o perigo do contágio, atendendo, apenas, com uma evangélica coragem, com extrema piedade, ao estado gravíssimo em que a Adelaide se encontrava.

No entanto, a mocidade da Julia atraiu as vistas de D. Juan impenitente que é o dr. Laurentino Pereira, o qual começou a perseguir-lhe com doiras promessas, a que a Ingénua rapariga, instintivamente, ia insistindo, fortificada, sem dividir, pelos prudentes conselhos da irmã — que muito bem conhecia as manhas de conquistador grotesco que caracterizavam o patrão... O doutor tem destas manias ridículas para a sua idade, e que a população averneise comenta com revolta e horror...

Não desarmou, porém, o atrevido cortezador, que, vendo a inutilidade das suas falhanas manhas, dos seus sorrisos parvos a que tentava imprimir uma alambicada expressão, mudou de tática.

Diz um sensato aforismo popular que «fruto proibido é o mais apetecido...» A verdade d'êsto dito do povo bem o sentia a jovem Julia quando, forçada pelo serviço, se cruzava com o director lá dentro do edifício.

E um dia, a 20 de Agosto do ano passado, após um ano de resistência, deu-se o inevitável.

Consumar-se o crime a despeito dos gritos dilacerantes solitados pela vítima — gritos que eram punhaladas certezas a esfarraparem o coração da Adelaide, amarrada àquê leito, sem forças para

acudir à irmã, sem poder correr em seu socorro...

E o esforço tentado para se erguer teve como remate triste uma nova goliada de sangue, negro, empastado; a mistura com pedras da poluição a saíam-lhe pela boca ensangüentada... E prostrada, inerte, tombou na cama, como morta já, na morte aparente a que a veio roubar a vor chorosa da Julia...

Seguiu-se um mundo de promessas feitas às duats raparigas para que o segredo não transpirasse, não visse engrassar ainda mais o volumoso número de façanhas precidas, que tódo o concelho de Aveiro, justificadamente, lhe atribuí.

Como médico que é, o miseravel sabia muito bem que passados alguns dias não se podia provar já a data da violência, sendo, por conseguinte, impossível levá-lo ao banco dos réus. Por isso mesmo éle as foi amarrando ao segredo, com promessas duma felicidade sem-límites...

Foi assim que no exame legal feito à Julia Marques pelos distintos e honrados médicos de Aveiro sr. drs. Alberto Soares Machado e Pereira da Cruz se comprovou o crime de estupro sem se poder adviçar precisar a data em que foi praticado.

Mais uma vez o dr. Laurentino Pereira se escapou habilidosamente pelas largas malhas dos códigos...

Breve, porém, começou a constar já fora a negregada acção do poderoso sobra, o qual, em tóda a parte por onde passava, adivinhava o dolo rancoroso com que é odiado por toda a gente honesta e nobre da encantadora cidade.

E uma noite, às 10 horas, obedecendo ao seu carter infame e vingativo, despaedadamente, expulso da sua Casa de Saúde a desgraçada Adelaide, a pobre tuberculosa que adquiriu ali a terrível doença, pelo grande crime de contar a algum o que se passava naquele estabelecimento de cura.

Foi a sua vingança! Depois de aviltar a irmã babujando-lhe a boca pura com os seus beijos de chacal, atirava para a morte, conscientemente,

com a crueldade dum selvagem, a desgraçada doente...

UM IMPRESSIONANTE E DOLOROSO QUADRO DE MISÉRIA

Visitel em Vilar o casbre ifundo, insalubre, miserável — um antigo palheiro, em ruínas, adaptado a desconfortável quarto — onde a moribunda Adelaide agonizava já.

Confirmando-me tudo o que exponho acima e que diversas pessoas me informaram, sem uma variante, sem uma contradição.

Impressionou-me de tal maneira aquêlo quadro de miséria e de desgraça que, agora mesmo, ao escrever estas linhas, julgo estar a ouvir a voz apaga, quási imperceptível, da desgraçada rapariga; e nos olhos parece que tenho ainda gravadas aquelas feições esqueléticas, amarelecidas pelas privações e pela doença, e aquelas duas mãos desarmadas, com os ossos a querer romper a pele, dilamadas, segurando com ânsias dolorosas o pequeno ossinho da cabeça, no esforço feito para falar...

Pobre Adelaide!

Depois, a minha atenção foi desviada por outros assuntos que igualmente me interessavam... Os *calcipicpássios* — escusam de procurar nos dicionários porque o termo é genuinamente averneise — lavagavam-me já olhos suspensos, de raiva surda. A minha presunção ali incomodava-os...

E no dia seguinte abandonei Aveiro, apixinado um pouco pela luta eleitoral que na Associação Comercial da localidade se ia travar entre as duas formidáveis facções, uma chefiada pelo sr. Homem Cristo, notável jornalista e vibrante panfleteiro; a outra, tendo à cabeça a figura prestigiosa do sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, activo presidente da Camara Municipal de Aveiro e illustre director do Hospital da Misericórdia daquelle cidade.

AMÉRICO FÁRIA

lhe fiel. Assisti à apresentação da pobre Antoninha Sedovem a Maria Augusta — apresentação essa que devia servir-me de gazia ao segredo da condessa... Antoninha Sedovem — tóda Lisboa sabe — é uma joia de moça, mais pura, espírito de eleição dentro dum envólucro mais do que insignificante, lamentável. Antoninha é — era — quasi feia. E, mesmo assim, com tóda a pureza da sua alma, alguém que, não por egoísmo, mas por sinceridade, não lhe acedia o amor, convenceu-se de que não podia fazê-lo feliz, sendo uma menina tão pobre de encantos...

Maria Augusta descobre o segredo amoroso desta sua nova amiga e promete resolvê-lo... E um dia — testemunhas presenciais mo contarão — Antoninha entrou, com a Condessa no seu discurso «laboratório» — tóda Lisboa sabe — a pedir do homem que ela amava, sofreu uma metamorfose lenta, ao principio, mas logo precipitada num namoro rápido; num namoro com pressas de casamento...

A partir d'êste milagre tomet a peito a descoberta do mistério.

REVELA-SE POR FIM O SEGRÉDO DO «ANÃO AMARELO»

Antes de empreender uma acção directa, racional. Onde residia o fluído sedutor de Maria Augusta e de Antoninha Sedovem, depois da visita ao misterioso «laboratório»? Impossível de definir! Maria Augusta estava bela — mas havia mais «belas» do que ela. Era elegante — mas de uma elegância igual a muitas. Os seus olhos, o seu sorriso, os seus gestos, a sua conversa, o seu espírito, o seu corpo, possuíam muitos encantos — e seus encantos iguais aos de muitas outras. Era porque só ela seduzia com aquêlo dominio irresistível?

Aproximei-me de Maria Augusta e conquistei-a pela única forma que podia conquistá-la: a forma de não pretender conquistá-la! Ela viu em mim apenas aquêle camarada que em vão buscara pela vida fora. Foi-lhe franco. Expliquei-lhe a tortura da minha curiosidade.

«Está bem!» disse. «Pode contar com a verdade que tantos farejam inutilmente — mas só a revelarei nas vésperas da minha partida de Lisboa.

E assim foi. Recébi um dia um bilhete seu convidando-me a visitá-la na sua casinha *coquette* do Campo Grande. Os corredores estavam cheios de mala, a partir.

«Tódos os grandes mistérios têm um fundo de simplicidade — começa a Condessa por declarar — e o meu não foge à regra. Ele vive 16, 18, 20 e nada mais. Como é natural, em desejos de um grande amor, e tódos os homens fluídos de mim. Uma mulher que sofre destas desilusões torna-se em sonhadora de grandezas opostas. A medida que me via mais desprezada, maior era a minha valde...» a minha ambição. Foi nêsse momento que começa a mostrar, na imprensa mundial, que altas conchas da sociedade fazem preciosas relações a tódas as pobres mulheres insignificantes como eu, revelações que eram a esmola da libertação da nossa triste sorte de abandonadas do Amor. Essas revelações eram... Espere... Acompanhe-me ao meu tão famoso «laboratório» de feitiços.

E aberte a porta do mistério, vi apenas um *boudoir*; e nêsse *boudoir* havia apenas de notavel uns tantos produtos da marca Nally.

«Eis o que princesas, artistas e muitas mulheres europeas consideradas belas, me aconselhavam. E que produtos Nally não são artigos scenográficos como os que se transformam em envólucros...

São misteriosos feitiços que nos salpicam de fluídos irresistíveis. Tóda a mulher que os usa

nica miraculada de sedução, como eu fiquei! Dai os meus triunfos, alguns de bem tristes consequências e que tantas lágrimas me custaram. Confesso que vibrei de emoção ao ouvir a fama do Conde de Branowitz. Quis prepará-me com tódos os recursos que Nally oferece, para lhe ser apresentada, e dessa vez a vitória de Nally foi gloriosa. Pouco depois o Conde pede a minha mão. Casá-mo-nos e fomos os noivos mais felizes da terra. Mas quis a fatalidade que êle necessitasse ir à ilha da Taimala. Resisti a êsse projecto temendo não dispôr com a mesma facilidade dos filtros que eram tódo o segredo da patção do Conde. Necessitava 28 dias de vapor para que as minhas encomendas, telegraficamente feitas, chegassem ao seu destino... Um dia naufragou o vapor que me trazia o segredo da minha sedução. O meu «stock» estava esgotado... Previ o desenlace e sofri angustias indizíveis. Pouco a pouco fui perdendo tódos os meus encantos. O meu marido, que tudo ignorava, começou a sofrer também uma deslúdo angustiosa que não sabia explicar... Sentia que eu não era a mesma mulher que o enlouquecera de amor... e como se a outra, aquêla que êle amava, tivesse morrido — êle quis morrer também...

«Regressei imediatamente à Europa — e dêde então jámais abandonei a minha cara de beleza, como se nela residisse tóda a minha vida...»

«Eis o segredo de que tanto falaram — o mistério do segredo dos feitiços e do «anão amarelo» da ilha da Taimala... Está contente?»

Agradeço à Condessa a sua confidência — e escrevi no meu livro de apontamentos esta simples palavra: Nally. E, graças a êsse singelo apontamento, algumas tristes feições tenho eu siivo já do pior dos tormentos — o tormento de ser-se desprezado pela ente que se ama...

PRINCÍPE X

E' um português, e em Lisboa, que falsifica... sêlos raros, espalhando-os por tôdo o mundo

As três mais preciosas colecções de sêlos—O sêlo de Serajevo e o conde de Baggheli—Uma velha denúncia—Quem inventou os sêlos—A história moderna e os sêlos—O episódio de "Sir" Rowland—O negócio...

NUNCA, como agora, nesta demorada estada jornalística nos bastidores da vida moderna, onde todos os que trabalham neste jornal são «permanentes enviados especiais», nos surpreendemos ante tão requintadas indústrias ilegais, na busca do dinheiro por meios tão ilícitos como extraordinários. Um exemplo oportuno, de há poucos dias. A testemunha de papel que depõe chama-se *Il Matino Illustrato*, é natural de Turim (Itália) e está datado de 8 de Deze. bro. Eis o



Sêlos da Bulgária

trecho das suas declarações ditas pelo reporter italiano Giovanni Balconi:

«O muito ilustre senhor Conde de Baggheli, cuja enorme fortuna herdada está convertida em colecções que revelam um admirável espirito, possui, como se sabe, a maior colecção de sêlos da Europa. Entre todos os filatelistas do mundo está este nobre patriota nosse em terceiro lugar. O segundo, o americano Sweet Morgan, tentou por duas vezes tentá-lo com os seus «dollars», oferecendo cinco milhões de liras pelo mais fraco dos seus «zentos a vinte e três albus». O Conde Baggheli há mais de cinco anos que busca adquirir activamente um sêlo, dos mais raros dos tempos modernos. Referimo-nos à curta emissão, logo abafada, da Bosnia, de «10 hellets», a propósito da viagem a Serajevo do arquiducado Francisco Fernando, herdeiro do trôno de Áustria, e de sua esposa a Condessa de Chotek, depois Condessa de Hohenberg, em 28 de Julho de 1914, ou seja trinta dias antes da guerra mundial. Afirma-se que



Sêlo da Servia:
Os arquiducos
de Serajevo

Sêlo de Espanha:
A família real
espanhola

essa emissão foi queimada. Contudo existem cinco ou seis colecionadores, de 2.^a e 3.^a categoria, que podem orgulhar-se de o possuírem. Mas nenhum deles tem cedido à tentação dos altos preços estabelecidos pelos três primeiros colecionadores do mundo, entre estes pelo nosso distinto patriôta. Há dois meses, o conde foi avisado da chegada a Turim de um agente suizo, Bernard Shultz, que era sabedor de quem possuía e estava disposto a vender um exemplar da raríssima emissão da Bos-

nia. O sr. Amleto Tasso, secretário do conde, foi por este encarregado de procurá-lo no «Excelsior Hotel». Confirmando o citado estrangeiro a informação, declarou que o seu cliente, disposto a deslazar-se do mísculo tesouro de papel gomado, exigia 20.000 liras, e que ele, intermediário, se necessitava de 4.000 de comissão. Inicialram-se as negociações, mas, com grande contrariedade do conde, logo na manhã seguinte da visita do sr. Tasso o diário *Il Solo* dava a noticia de que o precioso sêlo estava prestes a ser adquirido por um italiano. Apressou-se o remate e Shultz, sem pedir nenhum sinal, partiu de Turim, para buscar o «tesouro», prometendo estar de volta dentro de poucos dias. Entretanto o Conde de Baggheli era avisado que Morgan, por sua vez informado do eco de *Il Solo*, telegrafara ao seu representante em Paris e que este viera a Turim com a missão de suplantar o comprador italiano, fosse qual fosse o seu lance, e que R... o rival dos dois colecionadores, estava em Turim, em carne e osso, com o mesmo fio. Mal Shultz desembarcou e foi abordado pelo sr. Tasso, informou-lhe que era homem demasiado honesto para faltar a um compromisso de honra fosse por que preço fosse. Isto sossegou o sr. Tasso, que pagou as 24.000 liras, recebendo em troca o sêlo cubado. Mas no dia seguinte uma denuncia grava chegava aos ouvidos do Conde. Que R... se gabava de ter vencido o rival italiano, comprando ao sulço o sêlo que era destinado aêquile. O conde venceu escrupulos e foi ter com o representante de Morgan, e este confessou que recebera igual denuncia e que se passava visto que tinha sido êle e não R... o comprador do sêlo. Provou-se então que existiam três sêlos da emissão de Bosnia. Um inquérito provou que só podiam ter escapado mais cinco ou seis do auto de sêlo, e que esses estavam há muito vendidos. Por sua vez *Il Solo* declarava que a noticia que publicara fora «um anúncio pago por Shultz». Mas o sulço, que reúne quasi 60.000 liras, passara rapidamente a fronteira. A policia, encarregada pelos três burdidos de investigar o caso, apurou já que o Shultz estivera em Portugal, onde, ao que parece, existe um falsificador de sêlos raro, em grande escala, e que tem feito fortuna, burlando os colecionadores de tôdos os países...

A PRIMEIRA DENÚNCIA

Pouco depois do nosso lançamento e a propósito—não nos recordamos de que revelação das muitas sensacionais com que o *Reporter X* tem merecido a lisongeira fama que goza—recebemos a carta que vamos reproduzir. O anonimato com que se acobertara o autor pô-la imediatamente no nosso «index» de silêncio—e não morreu logo na vala comum dos restos dos papéis porque—continha alguns detalhes estranhos. Arquivou-se no labirinto de cartas dos nossos *diversos* de onde, após um longo e silfante alpinismo, a lómos desencantar—agora que um segundo facto a chamava à barra dos caracteres litográficos. Eis o seu principal discurso:

«O seu jornal, sempre pronto a desmascarar os que enriquecem ilegittimamente, como o acaba de

provar, porque razão não faz uma reportagem sobre certo individuo, frequentador de cafés, clubs e bastidores de teatro, gastando à larga e até generosamente e cuja fortuna, brusca, inesperada, inexplicavel, vem de uma fonte misteriosa que é a sua antiga officina que, depois de fechada, lhe rende muito mais do que quando trabalhava, ou para ser mais claro, de quando trabalhava à luz do dia—porque agora também trabalha, mas e de noite, à hora que tôdos dormem. E eu que



Sêlo do Luxemburgo

Sêlo Italiano:
Os príncipes de Piemonte

diga, que sou seu vizinho e a quem o *rantantan* da máquina me complica com os nervos...

No mesmo gesto de desprezo que nos inspiram sempre as cartas anónimas e que nos levava a pôr de parte essa—não havia, a agravado, a suspeita de uma calúnia. Dum relance e iluminados como por uma lanterna eléctrica, por algumas palavras da epistola, emergiram das prolixidades da nossa memória alguns traços soltos que se juntavam, à lata de *dentinho* animado de cinema, e que quasi, quasi, reconstituíram uma pessoa e uma vida.

Agora, este *fatti-diversi*, de Itália concluiu a obra do nosso sub-consciente. Sim—deve ser verdade. O sêlo ou os sêlos falsos, pagos a preço de milhares de liras pelos catorze colecionadores—devem ter sido feitos em Portugal e por um português.

E já agora, um pequeno alto no «*vaillair*» dos falsos sêlos—para revelar-nos alguns curiosos capítulos de história dos *verdaderos*—daquelles que, não se sabe porque, se arvoraram em *tesou-*



Sêlo comemorativo
belga

Sêlo comemorativo
italiano

ro, gozo espiritual de especialistas que os buscam com a febre de mineiros de Alaska, que os amexam em albus, com a gula de um avarento, a delicadeza de um amante e a vaidade de um artista—valorizando-os no mercado universal pela alta das pedras preciosas... Apesar de várias e confusas informações que estradamente fazem tecer para os princípios do século XIX a criação do sêlo de correio—a verdade histórica é que

(Conclui na pag. 15)

OS SEGREDOS DA "CHANTAGE"

(Continuação da pag. 9)

cobriu, investigou e escreveu a reportagem do "Sátiro de Coruche". A quem podia interessar essa campanha? A's vítimas, e essas são todas pobres. E quanto ao sátiro que diga se alguém, directa ou indirectamente, o avisou ou lhe pediu dinheiro pelo silêncio do *Reporter X*. Passado tempo, sentou-se numa mesa do café onde estava Morais de Carvalho (o emissário do Marquês de Sages), o inteligente detective Baldy Belem e o sr. B... O sr. B., de quem eu publico só a inicial pelo respeito ao nome do pai, que foi alguém neste país e a quem a República muito deve, mereceu um aparte. O sr. B. é uma pessoa de fama pouco ilustre, ele bebo e sabe porque já mo disse. Pouco depois do início da publicação do *Reporter X* dignou-se subir as escadas desta redacção para oferecer os seus serviços como solicitador de publicidade. O administrador respondeu-lhe que não podia admiti-lo porque não havia vaga... Ora bem, o sr. Morais de Carvalho, dorido ainda pelo fracasso que lhe infligimos, atacou-nos. Serviu de alvo precisamente a campanha contra o "Sátiro de Coruche". Um aparte do sr. B.

—É' um jornal de chantage. Eu sou redactor do X mas não assino os artigos por vergonha! Preciso de ganhar a vida, mas respeito o meu nome.

Costa Junior ouviu-o, sorriu-se e esperou. Morais de Carvalho pega na deixa prosseguiu: — «Está visto! A campanha de Coruche era uma chantage».

Costa Junior: Tem a certeza disso? Morais de Carvalho: Tenho. Sei até quanto recebeu o redactor que a fez?

Costa Junior: Palavra? O sr. B.: Et' recebi dois contos do sátiro para iniciar um processo contra eles, mas como era redactor da casa...

Costa Junior: A campanha de Coruche foi feita por mim... O sr. Morais de Carvalho mantém o que diz?...

Morais de Carvalho: (gaguejando) Ah! Eu não sabia que...

Costa Junior: Quanto ao sr. B. devo dizer-lhe que mente. Sei perfeitamente que nunca foi — nem podia ser — redactor do X. Se se intitulou como tal... será para fazer chantage por sua conta. Com respeito ao processo do sátiro, se o sr. não o fez foi porque... ficou com os dois contos! E são assim todos.

Mas onde queríamos chegar, em nossa defesa e em defesa do público, não era a esses ridiculos caluniadores de café, que se esfacelam em duas penas. E' que existe, organizada, montada, em plena actividade, uma quadrilha que explora a honra do *Reporter X* e a bolsa alheia. Durante semanas, todos os nossos reporteres estiveram dedicados à investigação dessa infamia. Para conseguirmos apurar a verdade, para desmascarar os canchais, sujeitámo-nos a todos os trabalhos — até os do dísfance. O nosso redactor sr. Ildio Ferreira passou dias, vestido (?) de garoto de jornais, de sentinela ao local da ignominia. O próprio agente Custodio das Dores nos auxiliou nessa aventura de legitima defesa.

Mas é longa a história e fica para o próximo número. Os trastes foram fazeletes em tudo — até nas vítimas que escolheram. Mal sabiam eles que iam bater à porta de quem nos conhecia e nos respeitava — e que portanto não só não acreditou nas suas calunias como também veio logo denunciá-las.

Mas dêde já, para que em oito dias eles não apressem as últimas facadas, prevenimos toda a gente, amigos e inimigos, que mal alguém se aproxime e em nosso nome lhes segrede... uma infamia — lhes dêem imediatamente voz de prisão por nossa conta — ou que nos avisem pelo telefone.

Não há dúvida. A mãe de Cesar tinha razão. Não basta ser honrado... E até ao próximo número.

REPORTER X

UM GRANDE COMBATE NAVAL

(Continuação da pag. 6)

um suicídio: a prôa do *Augusto de Castilho* é voltada para o grande submarino.

—Morro como um português... — murmurou o bravo comandante.

O fragil patrulheiro lançou-se em velocidade máxima sobre o inimigo, procurando um choque terrível para destruir, destruindo-se, para morrer, matando.

No castelo da prôa, Carvalho Araujo e Ferraz não cessam fogo. A peça de vante vomita granadas e a corrida para a morte é louca.

De súbito uma granada cai em cheio no castelo. O aspirante Eloy, vinte e dois anos cheios de vida, cai ferido de morte; o apontador 2723 solta um grito lancinante e tomba igualmente ferido. Ferraz sentira um choque muito leve na fronte e logo dela correram pela face grandes gotas de sangue. Ninguém desanimava, porém.

—Fogo! Fogo!

Alguas granadas caíram sobre o submarino. A fera, acossada, mergulhara, enquanto o *São Miguel*, livre de perigo, desaparecia no horizonte.

De súbito o submarino emerge de novo, desta vez pelo travessão do patrulheiro, descarregando sobre este as suas duas peças. Ferraz avisa o comandante de que as munições vão faltar. A situação é insustentável. Para não sacrificar mais homens, Carvalho Araujo ordena a retirada. O melhor da sua missão, a salvaguarda do *São Miguel*, estava cumprida. O fogo do submarino vai rasando a rê do *Augusto de Castilho*. Carvalho Araujo manda lançar uma mina na direcção do inimigo. Borbulham as aguas na trajetoria do submersível. Este, porém, para subitamente, e a mina rebenta longe, levantando aos ares uma girândola de espuma.

E' Ferraz quem dispara as últimas vinte granadas. Esgotadas estas correu a avisar o comandante. E este, vendo a critica situação, murmurou ainda num misto de fé e de rancôr:

—Hei-de morrer como português.

E realmente assim morreu. Depois de içada a bandeira branca e de ter sido dada a ordem de arrear escaleres, do submarino ainda partiram duas granadas. A primeira rebentou na ponte de comando ferindo Carvalho Araujo em pleno peito, que caiu de bôco, exclamando:

—Morro!...

Não completou a frase. A morte cortara-lha, mas todos os portugueses adivinham as palavras que uma granada levou.

O MISTERIOSO ALEMÃO

Pela porta entreaberta penetrámos no bar e aproximámo-nos do balcão alto, à americana, detrás do qual José Migueis nos sorria levemente, indicando-nos com

o olhar um homem mais alto do que baixo, magro, cara rapada, cabelo e olhos castanhos, mais tipo de meridional do que de germânico, abancado junto de uma porta envidraçada. Lia o *Berliner Tageblatt*.

—É' aquê... — murmurou Migueis. Medimo-lo com o olhar. A bôa impressão encorajou-nos e, sem mais preambulos, abordámo-lo.

—Parlez-vous français, Monsieur?

Respondeu-nos que sim, que falava francês. Effectivamente falava-o correctamente. Comunicámos-lhe, em poucas palavras, os nossos propósitos. Sabiamos que elle tripulava o submarino que torpedeara o *Augusto Castilho*; queriamos escutar as suas impressões.

—Asseyez-vous — disse elle... para dizer alguma coisa e ganhar tempo para responder.

Sentámo-nos.

—Como soube o senhor que eu tripulava esse submarino?

Sem nos dar tempo a responder, o alemão prosseguiu:

—Calculo que o senhor seja jornalista, por isso deve compreender o melindre da minha situação.

«Dejeitava passar incógnito em Portugal. A recordação do torpedamento do *Augusto de Castilho* entristece-me, creia. Mas...

Aqui o alemão procurou a frase que melhor exprimissem o seu pensamento.

—C'est la guerre... Era a guerra!

«Foi em Outubro de 1918 que se deu esse combate. O nosso submarino recolheu os naufragos do *Augusto de Castilho*. Vinham feridos quasi todos, sinal de que haviam combatido até ao último momento. O nosso comandante, que era um homem duro, severo, teve por elles, pela sua bravura, um grande respeito. Mandou chamar um medico e um enfermeiro para os pensar. Entre os feridos vinha um guarda-marinha, muito novo. Era o mais graduado. O medico dirigiu-se a elle para o tratar em primeiro lugar. Mas esse portuguez teve um gesto que jámais esquecerei. Apontou para os simples marinheiros e para que os tratassem primeiro, e só no fim se deixou pensar. Depois... era a guerra. Embarcámo-nos numa baleeira, deixámo-nos no oceano entregues ao seu destino.

Deteve-se, talvez recordando ainda, fitando sem as var as letras do jornal.

—Posso, ao menos, saber o seu nome?

—Não, não, por Deus... E' impossivel. Ergueu-se, estendeu-nos lealmente a mão e saiu.

Ele não nos quis dizer o nome mas, minutos depois, José Migueis trazia-nos um papel com estas duas palavras escritas a lápis: *Hans Sterckmann*.

A. C.

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE ! ■ ASSUNTOS PALPITANTES !

DIRECTOR : —

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Quinta-feira, 5 de Fevereiro

NOVELA POLICIAL

N.º 2

A CHAVE DE PRATA

Original inédito do REPORTER X

A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço : UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço
2-5442 || LISBOA || Telegráfico
REPORTERX

